

## **DESAFIOS PARA ALFABETIZAR EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**Helena Mesquita Burguete Santos**

### **RESUMO**

O relato tem por objetivo destacar as estratégias e ações voltadas para a alfabetização em um dos momentos mais difíceis para a educação. Empenhadas em acolher os alunos e suas famílias e em meio a um cenário de isolamento social e analfabetismo digital, nos deparamos com o desafio de alfabetizar a distância, cerca de 20 crianças do primeiro ano do ensino fundamental em uma escola da rede privada. Na ocasião, tive a oportunidade de trabalhar como professora assistente da turma.

Palavras-chave: Alfabetização. Pandemia. Acolhimento. Estratégias.

### **ABSTRACT**

The report aims to highlight the strategies and actions aimed at literacy in one of the most difficult moments for education. Committed to welcoming students and their families and in the midst of a scenario of social isolation and digital illiteracy, we face the challenge of literacy at a distance, about 20 children in the first year of elementary school in a private school. At the time, I had the opportunity to work as an assistant teacher in the class.

Keywords: Literacy. Pandemic. Reception. Strategies.

### **INTRODUÇÃO**

Segundo pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFMG) cerca de 89% dos professores no país não tinham experiência anterior à pandemia para dar aulas remotas e 42% dos entrevistados afirmam que seguem sem treinamento, aprendendo tudo por conta própria. Para 21%, é difícil ou muito difícil lidar com tecnologias digitais.

Adaptar o conteúdo de forma a atender ao formato de aulas remotas não foi uma tarefa fácil. Os professores passaram a se organizar e planejar as aulas de forma intuitiva e proativa. Em princípio, todas as ações foram improvisadas a fim de atender a uma necessidade por um curto período. Afinal, os professores, assim como a população mundial, não tinham noção por quanto tempo seria a quarentena.

Ainda com dificuldade para conduzir o processo de educação num formato que não se sabia por quanto tempo ficaria em vigor, a professora Valquiria Bregondi, regente do 1º ano, imediatamente se preocupou em providenciar material didático (atividades matemáticas e de alfabetização), assim como os cadernos quadriculados e de caligrafia. A escola tentou se nortear pelo apostilado, intercalando com projetos educativos, material digitalizado, aulas ao vivo, vídeos e podcasts.

O volume de tarefas e as aulas ao vivo foram as questões mais polêmicas, tendo em vista que eram ações que exigiam a presença e a ajuda dos adultos responsáveis pela criança.

Após reuniões entre professores e gestores foram definidos novos horários e a divisão de atividades por disciplina. Assim, as aulas síncronas foram feitas através de plataformas de videoconferência três vezes por semana, intercaladas com as aulas com professores especialistas (Arte, Língua Inglesa e Educação Física).

Já as aulas assíncronas foram desenvolvidas por vídeos (Língua Portuguesa e Matemática) e podcasts (Ciências, História e Geografia). As atividades complementares eram opcionais, tais como, os projetos “Meu álbum de recordações” (registro fotográfico do que fez durante a pandemia com a família), “Horta em casa” (vídeos orientando a plantar em casa durante a pandemia), “Histórias contadas em vídeo”, “Leitura com a família”, “Narração e interpretação de histórias” (atividade com leitura dirigida e interpretação da leitura com linguagem expressada de forma livre) e “Líder em Mim” (programa para o desenvolvimento de competências socioemocionais).

## **RECURSOS UTILIZADOS E A APLICAÇÃO DE NOVAS FERRAMENTAS**

Confeccionamos um kit de material contendo alfabeto móvel, folha de numerais, jogos de matemática, receitas de culinária para que os alunos tivessem material impresso para trabalhar. Houve o cuidado de fazê-lo chegar a todas as crianças, inclusive, em alguns casos, entregou-se diretamente na casa dos pais que não podiam retirar na escola.

No decorrer do processo, a escola optou por utilizar a Plataforma Classroom, uma ferramenta do Google App, para publicar atividades e aulas gravadas, assim como receber as tarefas concluídas. As aulas ao vivo foram realizadas através de videoconferências da plataforma Webex. Os vídeos eram produzidos inicialmente no próprio dispositivo de celular, transformados em link e inseridos diretamente na plataforma.

Para que conseguíssemos atrair a atenção de crianças entre 6 e 7 anos foi muito importante desenvolver estratégias voltadas para este público. Os vídeos e podcasts serviam como orientadores para elaboração das atividades da apostila, com uma abordagem simples e didática, sempre com o cuidado de se levar em conta a pouca idade e a falta de autonomia de alguns alunos.

## **PARTICIPAÇÃO DOS FAMILIARES E RESPONSÁVEIS**

As perguntas mais comuns dos familiares eram “quando vamos voltar ao normal?”, “depois as crianças terão reforço?”. Questões sem respostas só aumentavam a angústia dos diretores e da comunidade escolar.

Por se tratar do primeiro ano do ensino fundamental, a pressão sobre os professores e gestores da escola era ainda maior. Mesmo esclarecendo que o primeiro ano faz parte de um processo de alfabetização que se inicia na pré-escola e termina por volta do terceiro ano, a expectativa era que todos os filhos terminassem o ano letivo lendo e escrevendo. A busca por resultados fez com que nós nos debruçássemos na construção de soluções para o grande desafio de alfabetizar.

Um efeito muito positivo que o ensino a distância pode ter é criar uma maior aproximação entre escolas e famílias: os pais compreendem melhor o processo de aprendizagem de seus filhos; embora sem formação para isso, entendem com mais clareza qual é a função do professor e da escola; talvez desenvolvam o hábito de acompanhar mais de perto o desenvolvimento de seu filho (SOARES, 2020, <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>).

Desde o segundo bimestre, as reuniões com os pais passaram a ser remotas, na mesma plataforma utilizada para as aulas ao vivo. Inicialmente, as reuniões eram rápidas e objetivas. A maioria teve a presença da Direção da escola, diante da expectativa e ansiedade dos pais pelo retorno às aulas. Porém apesar da quase totalidade dos pais presentes, poucos tomavam a palavra.

Como os familiares e pais não se manifestavam nas reuniões coletivas, marcamos reuniões individuais com cada um, para ouvir um pouco mais e entender a necessidade da família e do aluno.

Ouvimos cada uma das famílias, suas angústias e reais necessidades. Desta forma, foi possível ter um “raio x” da situação. Alguns trabalhavam durante a quarentena e não tinham tempo para ajudar os filhos. Outros, deprimidos com a situação, não sabiam como ajudar os filhos e que não se sentiam à vontade, tampouco motivados para ajudar. Em alguns momentos, tivemos familiares que interrompiam, queriam corrigir ou interferir no trabalho pedagógico do professor e no aprendizado dos alunos. A maioria não entendia como se dava o processo de desenvolvimento alfabético. Eram pais e familiares que não sabiam o que fazer e como pedir ajuda.

As reuniões foram acolhedoras, fizeram com que todos ficassem mais próximos. Acabou se tornando uma estratégia eficiente para articular e engajar a comunidade escolar num momento difícil e desafiador para todos. O espaço para estudar foi uma questão desafiadora. Segundo Pacheco (2019), “o espaço é considerado o terceiro educador, é flexível devido ao seu mobiliário e reconta o vivido no cotidiano. O espaço é pensado e organizado a partir das experiências das crianças e de suas investigações diárias” (p.24). Salientamos com cada familiar a importância do espaço e da rotina para o melhor aproveitamento do estudante. Pedimos que eles identificassem um local próprio para que a criança pudesse estudar de forma organizada todos os dias.

Durante o ano letivo, ficamos à disposição para atender as famílias no horário correspondente ao período de aula, com o objetivo de esclarecer dúvidas sobre o conteúdo, assim como fazer acolhimento das crianças. Os familiares se tornaram verdadeiros parceiros, trabalhando em conjunto com a escola, de forma colaborativa e participativa.

## **ACOLHIMENTO E ATENDIMENTO INDIVIDUAL**

O segundo passo foi ouvir cada um dos alunos. Vale destacar a importância desta etapa para o diagnóstico das necessidades. As crianças eram muito objetivas e sinceras. Só queriam voltar à escola pra brincar e ver os amigos. Apesar da maioria ter se adaptado muito bem estudando em casa, eles não tinham autonomia e familiaridade com computadores e celulares para estudar.

Foram feitas duas entrevistas com as crianças ao longo do ano. A primeira reunião individual foi desenvolvida com o objetivo de aferir como as crianças estavam lidando com a nova forma de aprender e fazer o acolhimento afetivo. Já no segundo momento, o objetivo foi identificar o desenvolvimento das crianças com relação ao sistema de escrita alfabética e o sistema numérico para averiguar a necessidade ou não de aulas de reforço.

As entrevistas eram rápidas, no máximo vinte minutos e de forma individual. Solicitávamos que as mães acompanhassem a distância, evitando que a criança tivesse qualquer tipo de intervenção. Para as crianças era um momento exclusivo com as professoras, e tentávamos tornar divertido e tranquilo, não dando a conotação de avaliação. A sondagem consistia em lembrar algumas famílias silábicas (já trabalhadas em aula), em seguida ditávamos seis palavras relacionadas às letras apresentadas e solicitávamos a leitura das mesmas. Ao final, averiguamos o conhecimento sobre o sistema numeral de 0 a 20 e os conceitos de unidades e decimais.

Após a segunda reunião individual foram identificados os alunos com dificuldade. Em seguida, as crianças passaram a fazer encontros individuais como reforço para o aprendizado.

Foi possível observar no quarto bimestre, que as estratégias contribuíram significativamente para o desenvolvimento das crianças que estavam em defasagem em relação ao restante da classe.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acreditamos que vários foram os fatores que determinaram a alfabetização de mais de 80% da classe ao final do ano letivo. Tal resultado já seria satisfatório em tempos de aula presenciais, se torna além das expectativas em meio a um período de pandemia. Um dos fatores mais relevantes foi a atuação da família como parceiros, respondendo as mudanças e adaptações de forma positiva e participativa.

O engajamento da comunidade escolar neste momento colaborou para a construção da história da educação e da sociedade. Outro fator tão importante quanto, foi que as crianças que estabeleceram uma rotina e espaço próprio para estudar, apresentaram melhores resultados no desempenho e aprendizado.

Os grupos que apresentaram maior flexibilidade e adaptação ao novo, obtiveram desempenho satisfatório na superação das dificuldades socioemocionais. A preocupação com o acolhimento e a assistência aos alunos e familiares fez a diferença no esforço conjunto para atravessar o ano letivo de forma cooperativa.

Nós, professoras buscamos o aprendizado, atualização para a melhor utilização dos recursos digitais, e em formação contínua para acompanhar as mudanças que a pandemia trouxe para educação. Os familiares colaborando para adaptação a uma nova realidade. Foi transformador. A educação precisou ser repensada e reinventada em tempos difíceis.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FERRARI, Ana Claudia, MACHADO, Daniela, OCHS, Mariana, **Guia da Educação Midiática** – 1. ed. – São Paulo : Instituto Palavra Aberta. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez. 1991.

LIMA, Lauro de Oliveira, **Por que Piaget? A educação pela inteligência**, Petrópolis-RJ Editora Vozes, 1998.

PACHECO, José. **Dicionário de valores** — 1. ed. — São Paulo: Edições SM, 2012.

PACHECO, José. **Aprender em comunidade** - 1. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2014.

PONZIO, Eloisa PACHECO, José. Reggio Emilia e Ponte – 1ª ed – São Paulo – Edições Mahatma 2018.

ZABALA, Antoni. **A prática educative, como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa, Porto Alegre, Artmed editora, 1998.

Sites consultados:

Alfabetização em parceria com a família: como fazer em tempos de pandemia. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/19447/alfabetizacao-e-parceria-com-a-familia-como-fazer-em-tempos-de-pandemia>, acessado em 07/12/2020.

Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia? Artigos & Tendências Futura Educação, Entrevista Magda Soares. Disponível em: <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/> acessado em 11/12/2020.

Jornada digital | Como fica o processo de letramento e alfabetização durante e após a pandemia? Editora Moderna. Youtube . 23 jun. 2020. 1h7min35s. Disponível em: Acesso em 18 de novembro de 2020.

No chão da Escola, Vínculo e acolhimento (formação parte 1), Instituto Alana, <https://youtu.be/uI0VU6iKehA> acessado em 26/01/2021.

No chão da Escola, Aprender como um direito e corpo em movimento (formação parte 2) , Instituto Alana, <https://youtu.be/uI0VU6iKehA> acessado em 27/01/2021.

No chão da Escola, Palestra Chuiqui Gonzáles, Instituto Alana, <https://youtu.be/uI0VU6iKehA> acessado em 28/01/2021.

No chão da Escola, Esperanças – construindo novos sentidos para a escola (formação parte 3) , Instituto Alana, <https://youtu.be/uI0VU6iKehA> acessado em 28/01/2021.

Novas construções sociais de aprendizagem, José Pacheco Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sPYVOq1dndg&list=PLmqOGytokIiZ-ZIVGB5hwsUs8uxIZpoap&index=4> acesso em 12/11/2020.